



DOI: 10.33947/1980-6469-V16N2-4731

REFLEXÕES SOBRE O TEMPO HISTÓRICO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A DISCIPLINA “METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA” NO CURSO DE PEDAGOGIA

REFLECTIONS ON HISTORICAL TIME: A CONTRIBUTION TO THE SUBJECT “HISTORY TEACHING METHODOLOGY” IN THE PEDAGOGY COURSE

Marcelo Flório¹, José Carlos Fernandes Galati²

Submetido em: 13/08/2020

Aprovado em: 14/09/2021

RESUMO

O artigo discute as reflexões teóricas e metodológicas desenvolvidas recentemente nos estudos da área de História, na disciplina “Metodologia do Ensino de História”, do curso de Pedagogia. Nessa perspectiva, não é abordada a noção de que o historiador-professor pense, operacionalize e ensine o tempo em sala de aula como uma realidade única do passado, mas, sim, com múltiplos passados.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia. Metodologia. Ensino. História. Múltiplos Passados.

ABSTRACT

The article discusses the theoretical and methodological reflections recently developed in the studies of History, by the subject “History Teaching Methodology”, from the course of Pedagogy. Through this perspective, the notion that the historian-teacher should think, operationalize and teach the time in the classroom as a single reality of the past is not addressed, but rather, with multiple pasts.

KEYWORDS: Pedagogy. Methodology. Teaching. History. Multiple Past.

¹ Historiador e Pedagogo. Mestre em História pela PUC/SP. Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP e Pós-Doutorado em História pela PUC/SP. Professor do curso de Pedagogia da UNG. E-mail: floriom16@gmail.com

² Historiador. Mestre em História pela USP. Professor do curso de Pedagogia da UNG. E-mail: jcfgalati@gmail.com

INTRODUÇÃO

As reflexões teóricas e metodológicas desenvolvidas recentemente nos estudos da área de História, para a disciplina “Metodologia do Ensino de História” no curso de Pedagogia, já não mais comportam compreender que o historiador-professor pense, operacionalize e ensine o tempo em sala de aula como uma realidade única do passado.

Ao contrário, há realidades no passado e no presente, do ponto de vista plural, a serem pesquisadas nos arquivos cujas vidas não estão prontas e organizadas à espera do pesquisador para que sejam retiradas do esquecimento. A esse respeito, a historiadora Margareth Rago (2005, p. 32) elabora a seguinte reflexão:

Fica cada vez mais claro, portanto, que, para a história, que acreditava poder revelar a realidade única do passado, a linha de continuidade temporal era absolutamente necessária, pois legitimava uma representação apaziguadora deste. O passado estava lá, bem distinto do presente como coisa, como baú talvez, guardado num arquivo fixo, organizado, estável, a espera de ser desvelado, recuperado, tirado do esquecimento, libertado em sua pureza, dos véus[...].

O historiador, ao buscar conhecer os tempos do passado e compreender os tempos do presente, não mais o faz sob a concepção de uma história linear e cronológica que desconsidera os tempos de diversas culturas.

Em meados do século XX, Marc Bloch (1997, p. 55) postulou que a História é o “estudo do homem no Tempo”. Partindo deste pressuposto, temos que o objetivo desta ciência não é o de vasculhar apenas o passado, mas também, debruçar-se sobre as ações humanas que ocorrem em determinado período de tempo, tempo este que pode apresentar diferentes durações (curta/longa) e refletir no momento presente através de permanências e/ou rupturas.

Concomitantemente, o pesquisador-professor tece contundentes críticas às vertentes de História que veiculam apenas estudos e pesquisas de acordo com os acontecimentos narrados na perspectiva eurocêntrica.

O pesquisador-professor, ao vasculhar e estudar os arquivos, é quem recorta e seleciona quais histórias virão à tona de acordo com seus pressupostos teórico-metodológicos, pois é a partir de questões de seu “presente” que vai à busca, nos arquivos, de vestígios e pistas da ação humana no tempo e espera obter respostas, de modo a elaborar uma análise história segundo o viés interpretativo, problematizador e não meramente descritivo.

Essa visão de História compactua da vertente discutida pela estudiosa Rago (2005, p. 32) acerca do tempo histórico, que observa que as vivências do tempo nunca são harmônicas, pois a vida é constituída por embates e disputas entre as vivências de tempos de diversos sujeitos sociais no cotidiano das sociedades. A autora entende que os estudos que priorizam o tempo linear e homogêneo geralmente apresentam o tempo como sinônimo de “permanências” e não de “mudanças”.

Rago enfatiza que todo fato histórico apresenta temporalidades, é um texto a ser interpretado e não existe como “dado da natureza”, ou ainda, que apenas um fato deva ser identificado ou o mais importante numa determinada época, mas deve-se falar em fatos históricos no plural. Preconiza, nesse sentido, que os fatos são acontecimentos, gerados a partir de temporalidades de diversas experiências vividas historicamente e quem chama os fatos à vida são os historiadores em suas pesquisas. Nessa acepção, o tempo é representado como concretude da ação de homens e mulheres, de suas vivências do tempo que apresentam permanências e mudanças. Nessa perspectiva, a autora (idem, 2005, p. 33) observa que:

(...) a história assim concebida era inscrita num tempo artificial, mas pensada como natural, que garantia a imobilidade da natureza humana e a verdade do sujeito fundador. Essa forma de história homogeneizava as práticas sociais, as experiências, as emoções, as ações humanas em geral, ao desconhecer suas temporalidades, suas singularidades, as diferenças, ao recursar-se a problematizar o acaso, assim como as próprias formas de exclusão que produzia. A construção do tempo contínuo, da linha evolutiva (...) permitia a afirmação das permanências na história, ao se projetarem retroativamente conceitos modernos para um

passado idealizado.

O TEMPO, A ÉTICA E AS ARTICULAÇÕES ENTRE PRESENTE, PASSADO E FUTURO

Para esse novo repensar da noção de tempo é fundamental o diálogo com um dos grandes pensadores do século XX, o filósofo Michel Foucault, que tanto revoluciona os conceitos da área da História e inspira historiadores-professores a reverem suas concepções representadas, muitas vezes, apenas como tempo homogêneo, linear e cronológico.

A historiadora Rago - uma das mais importantes estudiosas da obra do referido pensador - ressalta que a importância do filósofo está também em contribuir para que façamos um diagnóstico não apenas "do que somos", mas principalmente aponte reflexivamente e com uma preocupação ética para o que "estamos nos tornando" (ibidem, 2005, p. 39-40).

Nessa acepção, a proposta foucaultiana é de uma história do presente e que se articule com o passado e futuro e que possibilite, portanto, a percepção de que o tempo não é exterior ao homem: o "tempo está em nós". Com base nessas premissas, a partir de uma reflexão que indague o interior de "nós mesmos" (nossas vivências do tempo), é possível preparar o homem para lidar com as diferenças sociais e, nesse sentido, a ideia é que o sujeito social se habitue ao convívio com outras temporalidades (outras vivências e experiências do tempo) e respeitá-las e tolerá-las, admitindo a existência das diferenças sociais.

Então, o tempo histórico, para Michel Foucault, vem à tona por meio do estudo do pensamento, compreendido também como ação e como estudo das experiências humanas, das maneiras de agir, de dizer, de conduzir e ser conduzido pelas quais o indivíduo vive o dia a dia, do ponto de vista histórico.

Por exemplo, a partir de uma visão foucaultiana de tempo histórico, ao analisar a vida cotidiana de homens e mulheres comuns, chega-se à conclusão de que: por vezes somos coagidos por regras, noutras vezes as recusamos, de modo consciente ou não, desenvolvemos determinadas formas de relações consigo mesmo e com os outros a partir de diversos parâmetros. De acordo com o próprio Foucault (2005, p. 46):

A tarefa era dar visibilidade ao domínio em que a formação, o desenvolvimento, a transformação das formas de experiência podem ocorrer: isto é, uma história do pensamento. Por "pensamento", entendo que aquilo que instaura, nas diversas formas possíveis, o jogo do verdadeiro e do falso e que, conseqüentemente, constitui o ser humano como sujeito do conhecimento; aquilo que funda a aceitação ou a recusa da regra e constitui o ser humano como sujeito social e jurídico; aquilo que instaura a relação consigo mesmo e com os outros e constitui o ser humano como sujeito ético.

AS VIVÊNCIAS DO TEMPO E SEUS RITMOS

Para capturar as vivências do tempo na História deve-se atentar para os seus diversos ritmos. A imagem que o compositor Caetano Veloso elabora sobre o tempo na composição "Oração ao tempo" é salutar para a construção de uma noção de tempo que não é abstração, é ritmo e não é apenas um ritmo. O tempo é apresentado como ritmos plurais e veiculados pela metáfora dos tambores. Essa metáfora remete ao significado do instrumento musical, tambor, que produz vibrações variadas, lentas, rápidas e aceleradas. O tambor é apresentado como o operacionalizador de vivências multifacetadas do tempo. Essa é uma imagem que pode colaborar para a compreensão dos ritmos de diversas culturas, valores e épocas no estudo e pesquisa do tempo na História. Também o poema denominado, "Poética", elaborado por Vinicius de Moraes, também remete ao tempo como pluralidade, subjetividade e como somatória de vivências e experiências que envolvem, simultaneamente, as noções do "ontem", "hoje" e projeções do "amanhã".

Desse modo, é sugerida a leitura e audição da composição de Caetano Veloso denominada "Oração ao Tempo" e do poema do compositor Vinicius de Moraes chamado "Poética", na interpretação da cantora Maria Bethânia.



Poética

Poema: Vinicius de Moraes

"De manhã escureço
De dia tardo
De tarde anoiteço
De noite ardo.
A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.
Outros que contem
Passo por passo:
Eu morro ontem
Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
– Meu tempo é quando"

Oração ao tempo

Composição: Caetano Veloso

"És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo tempo tempo tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo tempo tempo tempo...
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo tempo tempo tempo
Entro num acordo contigo
Tempo tempo tempo tempo...
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo tempo tempo tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo tempo tempo tempo...
Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo tempo tempo tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo tempo tempo tempo...
Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo tempo tempo tempo
Quando o tempo for propício
Tempo tempo tempo tempo...
De modo que o meu espírito



Ganhe um brilho definido
Tempo tempo tempo tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo tempo tempo tempo...
O que usaremos prá isso
Fica guardado em sigilo
Tempo tempo tempo tempo
Apenas contigo e comigo
Tempo tempo tempo tempo...
E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo tempo tempo tempo
Não serei nem terás sido
Tempo tempo tempo tempo...
Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo tempo tempo tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo tempo tempo tempo...
Portanto peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo tempo tempo tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo tempo tempo tempo..."

Os poetas brasileiros Caetano Veloso, Maria Bethânia e Vinicius de Moraes podem ser identificados como agentes culturais, à medida que suas poesias, músicas e interpretações atuam com propostas reflexivas sobre o viver cotidiano. Vale aqui salientar que ciência, arte e ensino devem dialogar para que ocorra uma compreensão mais atenta e reflexiva da complexidade da existência humana, tanto na pesquisa quanto em sala de aula.

O TEMPO COMO CONSTRUÇÃO SOCIOTEMPORAL

Os estudos recentes da Física contemporânea auxiliam a ciência histórica no entendimento da noção de tempo. O físico Ilya Prigogine (1997, p. 172) avalia que o tempo é vivido pela experiência humana e, portanto, como tempo multifacetado, plural e operacionalizado pela ação do homem. Nesse sentido, Prigogine avalia: "Na física newtoniana, mesmo ampliada pela física quântica, o espaço e o tempo eram dados de uma vez por todas. Havia, além do mais, um tempo universal comum a todos os observadores. Na relatividade, este não é mais o caso. O tempo e o espaço tomam parte dessa ação".

O físico Prigogine ressalta que o tempo é uma construção sociocultural, e que não é percebida da mesma maneira pelas diversas sociedades em várias épocas e que as vidas das pessoas são vivenciadas de maneiras diferenciadas. O tempo, segundo o autor, é: "É um hábito, uma convenção, aquela que nos leva a contar o tempo a partir de um evento. Seja o nascimento de Cristo ou a fundação de Roma, trata-se sempre do nascimento do nosso tempo" (idem, 1997, p. 39).

A forma utilizada para medir o tempo na atualidade, seja pelo relógio ou pelo calendário, não é universal, não é válido para todas as épocas e todos os povos, mas apenas uma possibilidade de medição desenvolvida em nossa cultura em determinado período de tempo, sendo, portanto, uma construção sócio-temporal.

O modo como o dia terrestre é dividido em horas, minutos e segundos é puramente convencional. Assim, tam-



bém, a decisão de que um dado dia começa na aurora, ao nascer do sol, ao meio-dia, ao pôr-do-sol ou à meia-noite é uma questão de escolha arbitrária ou conveniência social. (WHITROW, 1993, p.16)

Em muitas sociedades rurais, os trabalhadores vivenciam um “tempo da natureza”, relacionado ao dia e à noite, às variações do clima, às épocas de plantio e de colheita etc. Alguns pesquisadores inclusive defendem que o ser humano passou a contar a passagem do tempo – a partir do período Neolítico - para controlar os ciclos da agricultura. Utilizando-se de marcos referenciais existentes no ambiente em que vivia, ele procurava identificar as épocas mais propícias para preparar a terra para suas plantações.

Já nas sociedades industriais, os trabalhadores de uma fábrica, por exemplo, vivenciam um ritmo de tempo marcado pelas horas do relógio, mesmo porque as horas de trabalho, em geral, são vendidas por determinado preço, o salário. Assim, nesse “tempo de fábrica” – também encontrado em outras atividades profissionais – a jornada de trabalho não obedece mais ao nascer do sol e ao pôr-do-sol ou às variações do clima, mas às exigências da empresa. (PESAVENTO, 1991, p. 16)

Vale, também, ter como parâmetro as reflexões sobre o tempo histórico, elaboradas pelo filósofo Pierre Lévy (2002), que compreende que há três modalidades de tempo que podem coexistir, à medida que são concomitantes, simultâneos e que podem conviver entre si em diversas sociedades contemporâneas (apud BERGAMASCHI, 2002, p. 25-26).

O Tempo Cíclico é provavelmente a primeira concepção de tempo criada pelos seres humanos. Esta concepção fundamenta-se na ideia de um tempo que constantemente se repete. Este tempo “circular” provavelmente se originou da observação dos ciclos na Natureza, feita pelos nossos antepassados: a aparente repetição da trajetória de determinados astros no firmamento, as sucessivas repetições das estações do ano, determinado os consequentes processos repetitivos de semeadura e colheita.

Desta forma, temos um tempo histórico com fases de nascimento, desenvolvimento, declínio e desaparecimento que se alternam repetida e infinitamente. Este tipo de concepção cíclica chegou mesmo a embasar as crenças mítico-religiosas de certos povos que acreditavam na transmigração da própria alma humana, que continuamente também retornaria a ocupar um novo corpo físico como uma forma de aprimoramento.

É a temporalidade predominante em sociedades que transmitem suas histórias por meio da oralidade e tem na palavra o seu objetivo de medição do tempo. São os tempos, por exemplo, de povos indígenas. Segundo Maria Aparecida Bergamaschi, o pensador Lévy destaca que é:

[...] uma temporalidade cíclica das sociedades de transmissão oral, em que a palavra funciona como um gestor da memória social, ritualizando a passagem do tempo como um constante recomeço. É o tempo do eterno retomo, o tempo circular. Um tempo em que guardar todas as aprendizagens na memória tem sentido, pois é uma garantia de preservação cultural (idem, 2002, p. 25-26).

A ideia de um tempo linear - com começo, meio e fim – está presente desde a Antiguidade na tradição judaico-cristã. Ela foi se sobrepondo a noção cíclica na medida em que o Cristianismo foi se tornando predominante no ocidente, notadamente no decorrer da Idade Média (476 – 1453). O tempo linear é uma sucessão contínua de acontecimentos inéditos e irreversíveis. É uma reta de fatos históricos singulares, que se consubstanciam em uma linha temporal progressiva.

É a temporalidade que demarca o tempo linear, a sociedade da escrita. Portanto, para Lévy é: “o tempo linear das sociedades da escrita, que imprime uma ordem sequencial nos calendários, datas, anais e arquivos. É a memória estocada, é o tempo da irreversibilidade. É o tempo em que os registros gráficos e, principalmente, a escrita, passam a modular as relações [...]” (ibidem, 2002, p. 25-26).

Lévy também faz referência ao tempo das multiplicidades, que está em remanejamento constante e em permanente atualização, que é determinado pela metáfora da rede: “é o tempo da memória curta, que salta de um ponto a outro, organizado como rede (...)” (ibidem, 2002, p. 25-26).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudioso Peter Pelbart (1998), que faz reflexões importantes acerca do tempo discutido pelo filósofo Gilles Deleuze, compreende que este pensador colabora na compreensão do tempo como múltiplo (que está bastante presente no mundo informatizado que vivemos) ao usar as seguintes metáforas: tempo múltiplo, dobrado, torcido, amarrotado e complexo: "um tempo pensado como um lenço amassado e não como um lenço passado". Nessa visão, cada acontecimento contempla a questão "multitemporal" - o que projetamos, ensaiamos, viabilizamos e ansiamos por realizar no porvir (RAGO, 2005, p. 31).

O tempo para Deleuze é pensado como multiplicidade e atribui o nome de "rizoma temporal". O rizoma, para o autor, é totalmente diferenciado, por exemplo, da noção "rio do tempo"; expressão esta que demonstra que o tempo é uma linha reta e única. O autor prefere os estratos emaranhados da terra e seu constante remanejamento e, nesse sentido, exemplifica essa concepção com o automóvel de modelo recente. De acordo com o entendimento de Rago, o filósofo em questão (RAGO, 2005, p. 30-31) afirma que:

Procurando exemplificar essa concepção, sugere que um carro de modelo recente pode ser olhado como um agregado de soluções científicas e técnicas de épocas diferentes e que pode ser historicamente datado do período neolítico, com a invenção da roda, outras peças pertencendo a outros séculos, e assim por diante. Trata-se, então, de uma mudança de olhar que permite "reativar a carga do passado que está presente no presente [...]".

A metáfora do rizoma (raízes emaranhadas a bulbos e tubérculos que apontam para múltiplas temporalidades), de acordo com Gilles Deleuze, objetiva subverter a imagem da "ordem" presente na metáfora arbórea (árvore-raiz), que traduz a imagem tradicional do tempo cujas raízes estão fincadas em solo firme e reproduz uma visão linear, ocidental, centralizadora e homogênea do tempo.

Conforme o educador Silvio Gallo (2008, p. 75-76), a ideia de rizoma remete a noção de heterogeneidade, múltiplas conexões, ao passo que a imagem da árvore-raiz (o tempo arbóreo fixa um ponto, remete à ordem e centro). Segundo o próprio pensador Deleuze (1999, p. 33), o tempo rizomático é uma relação com o cotidiano da experiência humana. Desse modo, é:

um sistema a-centrado não hierárquico e não significativo, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados. O que está em questão no rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da relação arbórescente: todo tipo de "devires".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGAMASCHI, M. A. O tempo histórico no ensino fundamental. In.: HICHMANN, R. I. **Estudos sociais**: outros saberes e outros sabores. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 21-33.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DELEUZE, G. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, 1999.

FOUCAULT, M. **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, 1994. vol. IV.

GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo: Editora 34, 2002.

PELBART, P. P. **O tempo não-reconciliado: imagens de tempo em Deleuze.** São Paulo: Perspectiva, 1998.

PESAVENTO, S. J. **O tempo social.** São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 1991. Coleção Documentos.

PRIGOGINE, I. **A Era das Certezas.** São Paulo: Gradiva, 1997.

RAGO, M. O Historiador e o tempo. In.: ROSSI, V. L. S. de; ZAMBONI, E. (Orgs.). **Quanto tempo o tempo tem!** São Paulo: Alínea, 2005, p. 25-48.

WHITROW, G. J. **O tempo na história: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.